

# VOLTA À EUROPA 50 ANOS DEPOIS

*J. C. Alencar Araripe*

## O trampolim da África na cadência da viagem

Há cinqüenta anos, realizei minha primeira viagem à Europa. Demoraria menos de um mês, quinze ou vinte dias no máximo, passei mais de dois meses. Comparecera a um congresso de jornalismo em Helsinque, na Finlândia, e surgiram, no decorrer do conclave, convites para visitar Alemanha e Polônia.

Não havia como desperdiçar a ocasião; eram muito remotas as chances de retornar a paragens tão distantes pelo elevado dispêndio financeiro que impunha. Não imaginava que outras oportunidades me seriam dadas por interveniência de terceiros e por minha própria iniciativa.

Nesse tempo a que agora recuo, a gente ia tomar o avião em Recife; estava longe o dia em que Fortaleza teria ligações diretas com diferentes países. Naquele tempo, era o Constellation da Panair que nos transportava à Europa com escala em Dakar, na África do Norte, o ponto mais próximo do Nordeste brasileiro, e que emergira da II Grande Guerra pela posição estratégica que representara na conflagração.

Hoje, os aviões têm autonomia de vôo para ligações diretas; quando cumprem escala intermediária é por interesse econômico das companhias; como é o caso da que faz a linha Fortaleza-Cabo Verde –Lisboa.

Motivos circunstanciais levaram-me à opção. Coincidência: antes de atingir a Europa, pisaria terra da África, como há cinqüenta anos.

Nunca me deparei com um avião que levasse tanta bagagem de mão. Viria a saber depois que Fortaleza passara a ser a praça comercial preferida dos habitantes de Cabo Verde, que vêm a Fortaleza em vôo de duração quase idêntica ao que os levaria a Lisboa; aqui têm a vantagem de o mercado ser mais acessível; compra-se em melhores condições do que em Portugal no domínio do euro.

De Praia, capital de Cabo Verde, como de Dakar, o que dizer? Ontem, como hoje, uma escala; na primeira, em plena madrugada; na segunda, quando surgiam os primeiros clarões do arrebol.

Cabo Verde é um arquipélago de dez ilhas, é um parceiro comercial do Brasil, modesto sem dúvida, mas que deve ser levado em conta. Pouco ou

quase nada oferece, pois sua atividade se reduz à pesca, a principal; a produção não vai além de café, cana de açúcar e frutas tropicais; tudo o mais tem de importar, o que beneficia a nossa Fortaleza de tantos atrativos. Cabo Verde, independente de Portugal a 5 de julho de 1975, é uma república parlamentar, tem cerca de 600 mil habitantes, 117 mil dos quais em Praia, a capital; como vizinhos mais próximos figuram Mauritània, Zàmbia e Guiné Bissau.

### **Berlim de sobressaltos à confluência da paz**

No cinqüentenário da minha primeira viagem à Europa, quis comemorá-lo de modo muito natural: retorno a paragens que visitei ao longo do meio século transcorrido. Foi o que fiz.

Não cogitei de países, elegi cidades; queria rever Berlim, onde vivera os sobressaltos da guerra fria e que hoje é portentosa metrópole, a que aflui torrente turística cada dia mais caudalosa; o itinerário a cumprir, na volta da Polónia, reservara-me pouco mais de um dia de permanência em Praga; oportunidade perdida é sempre mortificante, sobretudo, quando viajamos; não me perdoava a mim mesmo não haver desfrutado por mais tempo os atrativos da pérola do *Vltava*, hoje tão decantados.

Quando fui à Alemanha em 1961 e 1973, visitava um país dividido, com dois governos, a República Federal e a República Democrática, e que ainda não se livrara dos vínculos da ocupação; em Berlim, então, a situação era mais delicada, porque a cidade ficava encravada na zona de influência soviética; era regida por um estatuto quatripartido, de conformidade com os acordos internacionais, e tornara-se o foco principal das divergências; a comandatura aliada dissolvera-se ao peso dos vetos do representante russo, agravara-se a separação entre os blocos ocidental e oriental e não tardou que surgisse o bloqueio geral, que se prolongou de 17 de junho de 1948 a 12 de maio de 1949; durante quase um ano, Berlim resistiu ao assédio comunista e a sua sobrevivência deveu-se à atitude resoluta do Ocidente ante a emergência e à coragem com que o povo afrontou as dificuldades e privações daquela hora crítica; a ponte aérea ficou como um exemplo do que é capaz a obstinação democrática na resistência à pressão do totalitarismo; os números falam com eloquência: em um só dia, 1383 aviões aterrissaram em Berlim, de 63 em 63 segundos, conduzindo 12.849 toneladas de mercadorias destinadas ao abastecimento; havia então a Berlim Ocidental e a Berlim Oriental, cada uma subordinada a governos alemães que não se entendiam; só as potências aliadas tinham acesso

à antiga capital; desse modo, encontrando-me em Bonn; capital da Alemanha Ocidental, somente me foi possível chegar a Berlim do Oeste num Viscount, da Inglaterra.

Agora, todos os caminhos levam a Berlim; o meu, desta vez, começou em Lisboa, com escala em Madri e mudança de avião; o que poderia molestar-me acabou por ensejar-me agradáveis momentos no moderníssimo aeroporto da capital espanhola, dotado de revolucionária arquitetura; estaria mais desperto na volta para desfrutá-lo nos pontos que escaparam ao primeiro contato.

### **A Porta de Brandeburgo no turbilhão do turismo**

Eu vi a Porta de Brandeburgo pela primeira vez quando ela era o símbolo mais impressionante da Alemanha dividida; em Berlim, era o local mais famoso pelo qual se penetrava na Cortina de Ferro ou dela saía; do lado ocidental de Berlim, os ingleses controlavam a zona com seus soldados e carros de combate; do lado oriental, estavam os guardas da República Federal em vigília permanente.

Revejo-a agora em manhã esplendente; há um clima de euforia contagiante na metrópole unificada; milhares de pessoas, de origem diversa, cruzam-se em azáfama turística na busca de uma foto que as enquadre no ângulo da Porta de Brandeburgo. E não é sem razão a curiosidade do visitante.

Vem de longe a fama que cerca o monumento, testemunha de vitórias e derrotas da Alemanha desde 1788 quando foi inaugurado. Em 1806, Napoleão atravessou-a para que lhe entregassem as chaves da cidade; a quadriga que a encimava foi levada para Paris, de onde voltou depois da batalha de Leipzig, perdida pelo Imperador da França e em consequência da ocupação da Cidade Luz pelos aliados de então.

Com a fundação do Reich, em 1871, quando Berlim foi erigida capital da Alemanha, o imperador Guilherme I passou pela Porta de Brandeburgo, em meio ao delírio dos seus compatriotas. E, no decorrer dos anos, foi, continuamente, cenário de acontecimentos festivos ou dramáticos, como o final da II Grande Guerra, quando os soviéticos nela hastearam a bandeira vermelha.

Berlim não me surpreendeu, tantas as imagens difundidas, e que ganharam mais intensidade em decorrência da Copa do Mundo. Logo ao chegar, bem próximo à estação de passageiros do aeroporto, deparo-me com o sistema de transporte ágil, integrado, confortável, que encontraria em Berlim: o ôni-

bus deixa-me na boca do túnel do metrô. A esses veículos, como aos elétricos de superfície, estaria subordinada a peregrinação pela capital alemã.



*O jornalista diante do Portão de Brandenburgo, em radiosa ma*

Em cada parada, um anúncio eletrônico do horário de chegada, cumprido com rigorosa pontualidade. Para não afastar-me da temática, e já que sou um aficionado das redes ferroviárias, dizer que o trem na Alemanha cumpre função de vital importância: liga cidades, regiões e países, próximos e distantes, com absoluta regularidade, conforto e segurança. A estação ferroviária de Berlim é um monumento de modernidade; foge ao convencional porque é integrada por vários andares e não apenas do térreo; enquanto você espera

o combóio numa plataforma, composições movimentam-se acima e em baixo ou aos lados; se você está a passeio, por curiosidade, para conhecer, não há tempo a perder: a estação é um shopping colossal. Em quatro ocasiões lá estive: quando da excursão a Potsdam e, depois, a Dresden; ia regalar-me em viagens de trem, uma das minhas caras e antigas predileções, quando a RVC não era de saudosa memória.

### **A magia de Rembrandt em Berlim 400 anos depois**

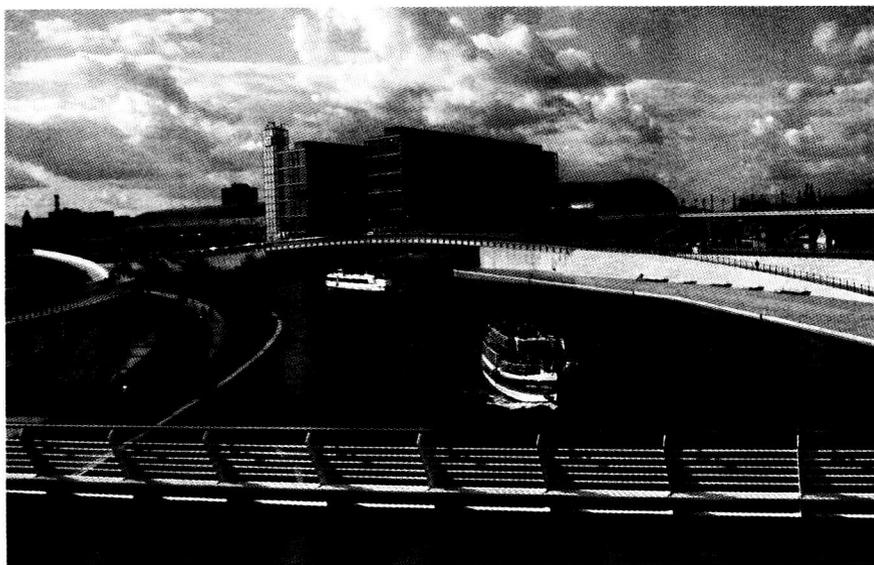
Nos 400 anos do nascimento de Rembrandt, ocorreu em Berlim exposição sem igual de quadros do celebrado pintor, gravador e desenhista holandês, nascido em Leyden, na Holanda, em 1606, e falecido em Amsterdam, em 1669.

Em local próximo à grande Avenida Potsdam, situa-se o Kulturforum, moderna edificação em área livre de privilegiadas dimensões. Foi no Kulturforum que se realizou a exposição de Rembrandt nunca antes concretizada. Por três andares, um desfile interminável a contemplar a produção do pintor que usava com maestria a luz e a sombra, o claro e obscuro; o retratista sem igual de Cristo em Emaus ou da benção de Jacó, o autoretratista que a todos superou no jogo das luzes e das sombras.

Berlim reuniu Rembrandt de diferentes países dos cinco continentes; ao lado de quadros de museus de Paris, Londres, Nova York, Madri, Amsterdam, Tóquio e outras inúmeras metrópoles, brilhavam as coleções particulares. Foi assim que eu vi, deslumbrado, pinturas, gravações e desenhos de Rembrandt quatrocentão.

Berlim é um centro cultural de extraordinária expressão no cenário europeu. A ilha dos museus no rio *Spre* é uma concentração artística que atrai, no coração da capital, enormidade de gente de toda parte. Claro que não se restringe a esse cenário a sua mensagem cultural, porque ela está presente em outras exteriorizações no plano das letras, da música, do teatro e das artes plásticas.

A Alemanha possui cerca de seis mil museus, abrangendo todos os setores da arte e da atividade humana. O museu é parte integrante da vida alemã, ilustração do escolar sedento de conhecimento, abertura ao lazer dos detentores de mais idade. Há museus que permanecem abertos 24 horas ininterruptas.



*O Spree, um dos rios que cortam Berlin*

### **O enlevo e a sedução de Praga**

A predisposição é favorável, não há como obscurecer a tendência; são proclamados com tanta simpatia os atrativos de variada natureza da pérola do Vltava, que só se tem olhos de encantamento; confirma-se a sentença do português Fernando Namora: “os países, como as pessoas, são os olhos que temos para vê-los”; o moderno aeroporto abre-nos o cenário com cheiro de novo em canteiro vetusto da civilização.

O que não dispense, como providência essencial ao chegar a uma cidade, é fazer um tour abrangente, para colher uma idéia geral e a definição do que merece aprofundamento. Tenho me dado bem com esse procedimento.

Como primeira impressão, fica-me a convicção de que Praga é cuidada com carinho, o que se espelha na limpeza das ruas, na sua arborização, no alinhamento dos passeios, na boa pavimentação, nos edifícios bem conservados.

A evolução política na terra dos checos envolve-nos na trama dos sobressaltos e na vertigem do inesperado. República a partir de 1919, com o Tratado de Versalhes, afortunada com presidentes da estatura de Masarik e Benes, a Tchecoslováquia não escaparia aos delírios de Hitler; na avalanche de ferro

e fogo da II Grande Guerra, quase era libertada pelos aliados, pois o general Patton chegou a penetrar em seu território, mas foi obrigado a parar, porque decisão superior a transformaram em zona de influência soviética; nessa condição, permaneceu por várias décadas, a Estrela Vermelha a brilhar em noites intempestivas de dominação e esbulho; a *Insustentável leveza de ser*, romance e filme, é impressionante retrato de uma época; a Primavera de Praga, em 1968, acende-lhe o facho da democratização do socialismo, mas os tanques do Pacto de Varsóvia abafaram o sonho audacioso; escoaram-se os anos e o que é do homem o bicho não come: em 1989, coincidentemente quando ruiu o muro de Berlim, é vitoriosa a Revolução de Veludo, assim chamada a rebelião pacífica que destronou o absolutismo, o líder da Primavera de Praga, Alexandre Dubcek, assume a presidência da Câmara dos Deputados e é eleito presidente da República o dramaturgo Vaclav Havel, que fora preso na repressão; em 2006, constituiu sucesso teatral em Londres peça em torno do drama vivido pela insurgência checa, com os dois episódios marcantes: a Primavera de Praga e a Revolução de Veludo, o marco das transformações por que passou a Tchechoslováquia no plano político, econômico e social. Não escapou, porém, ao drama do desmembramento territorial: em 1993, constituíram-se em países independentes a República Checa e a Eslováquia; tudo se passou em clima de paz.

Com pouco mais de 10 milhões de habitantes, na República Checa o analfabetismo é zero; o nível cultural é elevado, do que dão conta os teatros, museus e galerias de arte em Praga; há manifesta predileção pela música; as salas de concerto são em número superior a dez; nas igrejas ocorrem também apresentações de música erudita; é destaque nacional o Festival da Primavera; concertos ao ar livre são promovidos no verão.

Multidões desfilam pelos locais de maior expressão histórica ou arquitetônica; Praga tem esta singularidade: quase todo seu patrimônio turístico pode ser visitado a pé; a questão é ter pernas para tanto, o que não é o meu caso, mas seria do gosto da minha cara metade, afeiçãoada a longas caminhadas.

Passear por Praga oferece perspectivas variadas; ora você se depara com catedrais góticas, outras vezes, são os palácios barrocos; não faltam edifícios art nouveau, como a Casa Municipal, na Cidade Velha, onde estive mais de uma vez, centro cultural e restaurante de privilegiada localização, bem próximo da Torre da Pólvora, remanescente da Idade Média. Cidade dos 100 pináculos, como é chamada, para qualquer lado que nos voltemos, apontam as torres de muitas igrejas; numa delas, a que tem a invocação de Nossa Senhora Vitorio-

sa, venera-se a imagem do Menino de Jesus de Praga, uma devoção também no Brasil; a Catedral de São Vito é um monumento de extraordinária beleza, situada no alto do castelo que domina a cidade; escadaria longa, que só me dispus a enfrentá-la na descida, leva à Ponte São Carlos, a mais antiga e mais famosa sobre o Vltava, ornamentada com 30 estátuas de santos. Atravessei-a no borborinho turístico, para mais tarde contemplá-la do rio no envolvente painel de uma cidade que enfeitiça e prende corações.

Alvorçam-me as notícias da instalação de um sistema antimísseis na República Tcheca, projeto norte-americano que já desperta reação e protestos. Os tchecos não querem mais nem mesmo que situem o país no leste europeu, como vinha ocorrendo; leste tem significado muito além do geográfico; lembra um passado de opressão política e atraso econômico; os tchecos proclamam-se do centro da Europa. Há décadas, livraram-se do maior monumento do continente em homenagem à União Soviética; não desejam reeditar o drama da guerra fria, envolvendo-se em situações conflituosas, que perturbam o clima hoje desfrutado; o *boom* do turismo, a partir da abertura democrática de 1989, abriu novos horizontes antes inatingíveis no plano do desenvolvimento.

### O encanto e o feitiço do relógio

A praça estava regurgitando; ninguém dela saía, ao contrário, chegava mais gente, que ficava de olhos vidrados na torre da Prefeitura da Cidade Velha de Praga; é assim toda vez que os ponteiros do relógio vão marcar uma hora cheia. É o que diz o guia turístico que tenho em mão e é o que vejo.

O espetáculo representado é curioso, é inusitado; melhor é apropriar-me das expressões consagradas: a figura da Morte, o esqueleto à direita do relógio, puxa a corda de sua mão direita. À esquerda, uma ampulheta sobe e vira. Então se abrem duas janelas e as figuras de 11 apóstolos e São Paulo movem-se em círculo lentamente, guiados por São Pedro. No final dessa apresentação o galo canta e o relógio bate a hora. Outros bonecos também se movem: o Turco mexe a cabeça de um lado para o outro, a Vaidade se admira num espelho e a Avareza é baseada em um estereótipo medieval: o judeu que empresta dinheiro. Confesso o meu enlevo, o meu encantamento ante o relógio de Praga, que é também astronômico, mostrando o Sol e a Lua no movimento em torno da Terra.

Sou de longa data um aficionado desse singular marcador de tempo. Lembro-me do relógio que por muitos anos ornamentava a sala de jantar da

casa de meus pais. Quando fui à Europa pela primeira vez, trouxe da Alemanha um cuco que não resistiu às travessuras da menina; recorde com saudade um relógio com bailarina a rodopiar na hora do despertar; reproduzia a lição dos pássaros que começam o dia cantando.

No Museu do Prado, em Madrid, e em Versalhes, deparo-me com fantásticas coleções de relógios; até parece que os reis se preocupavam com o tempo...; nem pensar em caixas de música; se ativada alguma delas causaria, como já se disse, engarrafamento de trânsito em salas de Versalhes, com seus 100 relógios a funcionarem, relógios que são curiosidades naqueles cenários de arte e beleza; as galerias de pintura avultam como tesouros de fama universal.

Não resisto ao fascínio dos relógios que assinalam as horas com badaladas que ecoam; assim foi em Londres com o Big Bem do Parlamento, que na época da guerra era sinal no rádio de que a Inglaterra ainda estava de pé; como é bonito o anúncio das horas na Praça de São Marcos, em Veneza! Em Granada, hospedei-me em hotel bem próximo de uma igreja em que a cada hora o carrilhão tocava as notas primeiras do hino à Virgem de Fátima; em praça localizada no centro comercial, ouvia com embevecimento a canção que celebrizou a cidade sonhada.

Felizmente, Fortaleza tem os seus relógios sonoros ; de alguns deles dou conta: o da Igreja de Fátima, ao qual me subordino quando tenho de ir à Caixa Econômica da 13 de Maio; o da Igreja de Nossa Senhora das Dores em Otávio Bonfim; o da Matriz da Piedade; o da Igreja de São Benedito, com a beleza da Ave Maria de Schubert no Angelus da 18h, e o da Praça do Ferreira; pode ser até que existam outros; a cidade é tão grande que não seria de admirar acontecesse assim; por enquanto, o da Praça do Ferreira, a manifestar-se a cada quarto de hora, prende-me ao banco; ao cair da tarde, intensifica-se o fervilhar humano com o fim do expediente de trabalho; muitos destinos se cruzam no passeio e fico absorto na contemplação do espetáculo e o olhar no mostrador do relógio.

Ganhei no Natal um relógio que, de hora em hora, das seis da matina às nove da noite, transmite música antes das badaladas sonoras. Meus hábitos foram alterados: levanto-me mais cedo para desfrutar a sonoridade da alvorada, quando vou às ruas atraso, às vezes, a saída para não perder um pouco de canção e o registro metálico das horas. Sinto-me compensado quando o regresso coincide com o anúncio das horas

É a magia dos relógios no carrilhão da saudade.